

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 113

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1500. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).  
**PAGAMENTO ADIANTADO**

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
**NUMERO AVULSO, 30 REIS**

3.º Anno

## A QUESTÃO CLERICAL

Os ultimos annos do reinado de Carlos II accentuaram a hostilidade aberta do espirito liberal da nação.

Como sempre, o povo inglez não desarmava. A lucta entre o despotismo e a liberdade, lucta tragica de seculos, continuava sempre. E havia de terminar pelo triumpho definitivo da causa liberal.

Triumpho que custou milhares de vidas. Lucta que encheu de crueldades e de sangue a historia inglesa!

Como dissémos, o duque de York, irmão do rei e herdeiro do throno á falta de filhos legitimos de Carlos II, era declaradamente papista. Isto valeu-lhe uma formidavel opposição da parte do paiz.

Carlos II era tambem, como seu pae e avô, como sua mãe, catholico, papista, jesuita. Mas não se atrevia a declarar-se francamente como tal. Seu irmão, mais corajoso, não hesitou.

Em consequencia, a camara baixa ou dos commons votou, por unanimidade, uma moção, declarando que o affecto do duque de York pelo papismo e a esperanza que este tinha de o ver subir ao throno animavam poderosamente as conspirações dos papistas contra a egreja protestante.

Isto equivalia a excluir o duque de York da successão. As communes não hesitaram mesmo em o declarar abertamente. Reunidas, votaram um bill declarando o duque de York traidor, se elle tentasse apoderar-se da successão.

A camara baixa seguiu então esta corrente. Acabou por excluir francamente o duque, votando ao mesmo tempo o celebre bill do *habeas corpus*, que era a terceira lei fundamental da Inglaterra.

A primeira fóra a *Magna Charta*, arrancada ao rei João n'um momento de revolta geral do paiz. A segunda fóra a *Petição de Direitos*, accete e assignada por Carlos I quando sentiu a onda revolucionaria que o levou ao cadafalso. A terceira era o *Habeas Corpus*, imposta a Carlos II quando a tormenta revolucionaria se desencadeava de novo.

Pelo *Habeas Corpus* ninguem podia ser preso sem conhecer desde logo os motivos da prisão, nem estar vinte e quatro horas preso sem ser presente ao juiz quando esses motivos fossem declarados, porque em caso contrario seria solto immediatamente e castigado quem quer que fosse que prendesse em taes condições um cidadão. Presente ao juiz, podia da fiança se ao crime corres-

pondesse pena inferior á pena capital. Sendo solto nunca mais poderia ser preso pelo mesmo motivo.

Esta lei, que Carlos II se viu obrigado a sancionar, era importantissima, porque foi a salvaguarda d'aquella liberdade individual que tem sido lustre da Inglaterra, até hoje, e um dos mais formidaveis elementos da sua grandeza e civilisação.

Feliz de Portugal, se tantos annos depois podesse possuir a mesma lei! Passados tres seculos ainda estamos sem essa formidavel conquista liberal. E' ver a organização da corregedoria de Lisboa. E' ver o que o Veiga, Pereira da Cunha, e outros ridiculos tyrannetes, praticam, todos os dias, por esse paiz fóra.

Mas qué? Na Inglaterra quem praticava tyrannias pagava-as. Em Portugal toda a gente as pratica impunemente.

Carlos II, sancionando o bill do *Habeas Corpus*, dissolveu, contudo, o parlamento.

Então a propaganda tornou-se furiosa, como em casos eguaes succedia sempre na Inglaterra. Em todos os pulpitos retumbaram discursos de indignação. Os papistas eram apontados ao povo como elemento de horror. Os tribunaes, animados, como todo o paiz, de espirito de represalia, castigavam severamente todos os jesuitas que encontravam. Cinco d'elles foram condemnados á morte. Foi tambem condemnado á morte e executado um juriconsulto de nome, Laughorn, acusado de patrono dos jesuitas. A imprensa tornou-se licenciosa. Os pamphletos anonymos choveram de todos os lados, uns atacando o direito de successão do duque de York, outros o episcopado protestante e o papismo.

Singular espirito de revolta, que se encontra em toda a historia inglesa! Sempre que os reis se tornaram despoticos, e attentaram contra as regalias individuais, surgiu no paiz uma onda de reacção formidavel!

O bispo Sharp, o celebre Sharp que tantas atrocidades havia commettido na Escocia, foi assaltado dentro da propria carruagem, ao atravessar as ruas de Glasgow, e horrosamente assassinado e mutilado.

O conde de Stafford, grande fidalgo e velho realista, subiu ao cadafalso como partidario declarado do papismo.

A praça de Tanger foi ameaçada. Carlos II pediu dinheiro para a defender. A camara dos commons respondeu:

«Vale mais que Tanger caia em poder do rei de Fez que vossa magestade aproveite o dinheiro para organizar um exercito papista.»

O neto do celebre Henapdeu

chegou mesmo a declarar: «O duque de York é almirante de Tanger; é quanto basta para preferirmos que Tanger seja abandonada.»

O rei dissolveu as camaras. Um deputado, Lenson Gower, tinha convidado, antes, o parlamento a dissolver-se por si proprio, dizendo: «Vamo-nos embora; voltemos ás nossas provincias; vamos dizer ao povo como são tratados aqui os seus representantes. A nossa causa é a sua; elle a defenderá com as armas na mão e provaremos ao duque que temos força para o desafiar, a elle e aos seus papistas.»

Pelo seu lado o duque d'York, ao ter conhecimento da nova dissolução das côrtes, escrevia ao rei, dizendo: «Nada de mais parlamento. Chegou a occasião de ser rei verdadeiro ou morrer. Recorramos á França pedindo-lhe auxilio.»

E recorreram.

Sempre invocando o estrangeiro contra a patria! Tem sido assim em Portugal, como na Inglaterra, como em toda a parte.

Acima da patria está o interesse dynastico e o amor do despotismo!

Ao saber-se no paiz que o rei entabolava negociações com a França, augmentou a chuva dos pamphletos e escriptos anonymos, alguns traçados com uma extraordinaria logica e vigor.

O rei mandou proceder a novas eleições. A maioria dos eleitos sahiu contraria ao duque de York. Londrés reelegem todos os deputados da camara dissolvida, dirigindo-lhe uma mensagem a agradecer-lhe a conducta anterior. Tendo o rei convocado as camaras para Oxford, correu o boato de que o seu fim era atrahir alli os deputados para os mandar assassinar pelos papistas e soldados da guarda. Então milhares de burguezes acompanharam, armados, os seus deputados a Oxford, com largas fitas nos chapéos onde se lia: *Abaixo o despotismo! Abaixo o papismo!*

E n'este estado de espirito se vae representar o ultimo acto do drama, que não levou um rei novamente ao cadafalso mas que o levou á deposição e ao exilio, dando o triumpho definitivo ao espirito liberal da grande nação inglesa.

Continuaremos.

### Instrução publica

Diz-se que por todo este mez serão assignadas varias refórmulas de instrução publica.

Tambem o sr. Abel Andrade vai fazer remodellação no pessoal do corpo docente dos lyceus centraes afim dos alumnos tirarem o maior aproveitamento.

### Deputados republicanos

O partido republicano apresenta ao suffragio as seguintes candidaturas:

Circulos n.ºs 5 e 6, Porto:  
Dr. Affonso Augusto da Costa, lente da Universidade de Coimbra.  
Antonio José d'Almeida, medico.  
Francisco Xavier Esteves, engenheiro e professor do Instituto Industrial.

Joaquim de Azevedo Sousa Vieira e Silva Albuquerque, professor da Academia Polytechnica.

Paulo José Falcão, advogado.  
Circulo n.º 15 e 16, Lisboa:  
Alexandre Braga, advogado.  
João Viegas Paula Nogueira, professor do Instituto de Agronomia.  
José Estevão de Vasconcellos, medico.

Manuel de Brito Camacho, medico.  
Pedro Antonio Bettencourt Raposo, professor da Escola Medica de Lisboa.

Circulo n.º 17, Setubal:  
Dr. Affonso Augusto da Costa, lente da Universidade de Coimbra.

Antonio José de Almeida, medico.  
João Pinheiro Chagas, escriptor.  
Circulo n.º 18, Santarem:  
Ramiro Guedes, medico.  
Joaquim Jacintho, medico.  
Guilherme Godinho, medico.  
Balthazar de Brito, medico.  
Verissimo d'Almeida, professor.

Circulo n.º 20, Evora:  
Agostinho José Fortes, professor.  
Joaquim Pedro de Mattos, proprietario.

Julio Augusto Martins, advogado.  
José Jacintho Nunes, advogado e proprietario.

Circulo n.º 21, Beja:  
Antonio Aresta Branco, medico.  
Celestino Paes d'Almeida, medico.  
José Valentim Fialho d'Almeida, escriptor.  
Manuel de Brito Camacho, medico.

### MATRIZES

Estão patentes na repartição de Fazenda Districtal, para serem examinadas pelos interessados até 10 do corrente, as matrizes de renda de casa e sumptuaria.

Que os interessados as vão ver, aliás terão depois de se lastimar inutilmente.

Está definitivamente instalada na praia do Pharol a estação telegrapho-postal.

E', como se sabe, melhoramento devido á iniciativa do sr. dr. Motta Prêgo, governador civil do districto.

### Junta da Barra

Reuniu na passada sexta-feira, sob a presidencia s. ex.ª o governador civil do districto, esta corporação local, tomando varias deliberações sobre o andamento das obras a seu cargo, entre as quaes avulta a continuação do canal de S. Roque, o proseguimento das dragagens até ás Pyramides e as reparações necessarias no molhe.

Egualmente tractou da distribuição do subsidio de réis 6:000\$000 ultimamente concedidos, a instancias de s. ex.ª o presidente, pelo ministerio d'obras publicas para as obras do porto e ria d'Aveiro.

### O EX-CIDADÃO

Segundo vemos na *Vitalidade*, o ex-cidadão Francisco Regalla passa a ser agora alliado dos progressistas na proxima eleição municipal.

Pois está bem. Nós diremos, como sempre: ou os liberaes de Aveiro não teem as menores noções de decoro publico ou o ex-cidadão será corrido na urna, seja qual fór o partido politico que o apresente aos suffragios.

Chega a ter graça esta tentativa repetida de impingir á cidade o ex-cidadão.

Em que se distingue este sujeito? O que o recommenda?

Querem ver que o diabo do homem traz na caixa da carcunda a pedra philosophal?

Que paspalhões que são todos estes politicos e patrões môres de Aveiro! Ninguem os conhece como nós. Ha muitos annos que os definimos. Mas, francamente, cada vez os achamos peores. Erá natural que melhorassem com a idade.

Pois estão cada vez peores! O que é que os senhores acham no ex-cidadão?

Digam lá. Nem armas, nem letras, nem trétras.

Dantes dizia-se: ou armas, ou letras. Quando não houvesse armas, nem letras, que houvesse, ao menos, trétras. Triste recurso. Mas, enfim, que houvesse trétras.

Ora o sujeitinho mandou as armas para o inferno. Era vida trabalhosa e arriscada e elle queria viver vida mansa e ociosa. De letras só conhece as da Caixa Economica, e, n'essas, ainda manda e sabe mais do que elle o João Pedro Soares, que é, sem offensa, um verdadeiro boião de estupidez.

E a respeito de trétras, coitado, estamos na mesma ou peor.

Sim, ainda se elle tivesse trétras... se fosse um eleitoiro, um galopim eleitoral... era um triste valor, mas um valor em todo o caso.

Mas não. Nada d'isso.

A não ser, repetimos, que elle traga a pedra philosophal na caixa da carcunda, não sabemos o que esta sucia d'anos, que mandam na politica da terra, são capazes de descobrir no Francisco Carranca.

A carranca é boa. E' a unica coisa que elle tem que dá na vista. Carcundas ha muitos. Carranca d'aquellas não ha outra. E' a unica coisa typica que elle tem. Mette medo. Só se os senhores querem na presidencia da camara uma *cara de papão!*

E' isto? Expliquem-se.

Seja como fór, nós seremos decididamente contra o Carranca, ou elle venha acompanhado de

progressistas, ou de regeneradores, ou de francaceos.

Deixemo-nos de mais fantochadas. Os de Aveiro primam em serem tidos e havidos como liberais. Põem toda a sua gloria em manter as tradições de José Estevão.

Pois, amiguinhos, não se ganham esporas d'ouro com palavrado.

Os senhores até hoje teem mantido regularmente esse brio, diga-se a verdade. Vamos a vêr se querem ir de focinhos á lama com o Carranca.

O Carranca! Nós nem tomamos ainda isto a sério. Pois Aveiro ha de ter descido tão baixo que pense, sequer, em eleger o Carranca presidente da camara?

O Carranca!

O Carranca, que teve a audacia senil de prohibir aos estudantes, na estação do caminho de ferro, que dessem vivas á liberdade!

Quem é o asno que se lembra, em Aveiro, de querer sentar defronte da estatua de José Estevão esse comico arremedo de tyranno?

Nós podemos ter consentido alli, sem desdouro, o titi Antonio de Villar, que já não existe, ou o Ventura de Sarrazola. E' mais besta menos besta. Mas não podemos fazer o mesmo com o Carranca, não porque este tenha—á parte a sua apostasia—menos virtudes pessoais do que aquelles, não que seja um bandalho—que o não é—nem o encaramos sob esse ponto de vista, mas porque tem acima d'elles a pretensão ridicula de representar o espirito reaccionario, em Aveiro, e admittimos nós isso, n'um insignificante demais a mais, seria verdadeira vergonha local.

Seja o Carranca muito boa pessoa. Seja muito virtuoso, se quizerem. Não queremos contestar. Mas como para ser presidente da camara é titulo insufficientissimo não dar facadas no matrimonio, não jogar a batota, não ser caloteiro, nem metter, ás escondidas, as mãos nos bolsos dos transeuntes, qualidades que, felizmente, ainda quasi toda a gente possui, Carranca não serve, porque Carranca, sendo isso, é tambem um insulto ás opiniões liberaes da cidade com as suas pretensões asnaticas a symbolo reaccionario.

Um insignificante que, depois de atraiçoar os seus principios politicos, em vez de se contentar com uma humildade relativa, na qual podia esconder a sua injuriosa incoherencia, tem o atrevimento de se querer impôr ás opiniões liberaes com a sobranceira irritante de um patéta.

E' vêr aquelle ar de *homem superior!*

De conselheiro Accacio!

De dictador de papelão, pedindo assobios e pateada!

Pela nossa parte gritaremos sempre:

Fóra o Carranca!

Fóra o Carranca!

**Passeio agradável**

Parte hoje pelas 7 horas da manhã, em passeio de recreio, á Matta de S. Jacintho, a Phylarmonica Amizade. Vai alli assistir a um *pic-nic*.

**UM SANTO QUE SE ESPEDAÇA**

Na festa que na passada segunda-feira se realisou na Barra, costuma todos os annos sair uma procissão que percorre a estrada do Forte até ao Pharol, levando dois andores encimados por umas figuras de gesso, uma representando a Senhora da Maluca—e bem malucos que elles são—e outro um santo qualquer, de que não sabemos o nome. Isso é lá com os carólas.

Pois um d'elles, quando a procissão ia no seu melhor esplendor não desaba da padiola em que o levavam, vindo cair no meio da estrada, fazendo-se em mil cacos!!! Por um triz que não esborraça um dos pobres diabos que carregava com elle aos hombros. D'ahi as injurias e ditos picarecos contra o santo, que não teve culpa das asneiras dos devotos. Não bulissem com elle, porque estava muito socgado.

Vão lá fiar-se n'elles. . .

Gastam o seu dinheiro para os apresentarem limpos e asseados, sem vergonha do mundo, e prespegam-lhe uma partida d'esta ordem.

O povo, que presenceou isto, fez os commentarios que costuma fazer em casos d'esta natureza.

**Medida acertada**

A fim de evitar manifestações anti-clericas, o governo italiano prohibiu as procissões nas ruas.

Realmente essas cavalladas ao divino só servem para provocar o riso; e, como isto se affigura irreverente aos crentes, d'ahi conflictos desagradaveis que a auctoridade civil deve prevenir.

Porque se não faz cá o mesmo?

**Cartas d'Algures**

4 DE OUTUBRO.

Tenho-me rido a valer com a algararra que se levantou com as manobras.

Era o que eu dizia na carta anterior: *ginjas, ginjas* e mais nada. São uns *ginjas* para não dizer que são uns asnos. São as taes figuras desmanchadas, descosidas, incongruentes, incoherentes que topamos nas letras, nas artes, na politica, no exercito, magistrando, escrevendo, fazendo e dizendo chinezises, ou desmentindo aqui o que disséram alli, desmanchando logo o que fizeram agora, n'uma desorientação que é filha da mais assignalada falha de character ou de senso moral que se conhece.

Assim dizia eu tambem na ultima carta! E mal diria eu que estava tendo a essas horas a confirmação plena das minhas palavras!

Oh! eu conheço-os. Deixemo-ter esta vaidade. Eu conheço-os!

Agora até pedem um general estrangeiro para endireitar o exercito. Pois isto não demonstra a mais absoluta falta de senso intellectual e moral? São imbecis e são pulhas. E assim está toda a raça portugueza!

Se, nas alturas em que vamos, ainda é preciso um general para endireitar o exercito portuguez, se não progredimos desde o tempo do conde de Lippe e de Baresford, Portugal está definitivamente riscado do rol das nações civilizadas. Não tem direito a existir independente e autonomo.

No tempo do Marquez de Pombal e de D. João VI justificava-se a existencia d'um general estrangeiro pelo estado da civilização

geral e da organização militar em especial. N'esse tempo Portugal não tinha organização militar, digna de tal nome. Os exercitos permanentes, que datam a sua existencia do seculo XVII, ainda estavam na infancia e mal começavam a existir entre nós. Mas hoje! Como justificar hoje a intervenção d'um general estrangeiro no exercito portuguez, como na Abyssinia, na Persia e na China? Pois o estado da nossa civilização ainda é esse? Se vem um estrangeiro organizar e mandar o exercito, porque não hão de vir estrangeiros organizar e mandar tudo, se, no fundo, está tudo no mesmo estado?

Imbecis! Formidaveis imbecis! E são deputados, ex-ministros, os proprios militares que profereem essa imbecilidade e essa indignidade!

Eu tenho-me rido a valer, porque tanta asneira, como eu tenho ouvido, a proposito das manobras, não é susceptivel de provocar senão o riso em quem conhece isto a fundo.

Eu tenho um amigo intimo, que é militar, e que me põe ao corrente das coisas do exercito. Dizia-me elle ainda hontem:

«isto é uma sucia de parvos que merecem mais desprezo que indignação. O exercito é, ha muito tempo, isso que se viu nas manobras. Eu conheço-o intimamente porque estive sempre arregimentado, porque servi na guarnição de Lisboa e nas guarnições de provincia. Conheço todos os regimentos d'um extremo ao outro do paiz, uns por conhecimento proprio e directo, outros por conhecimento indirecto. E os regimentos de todas as armas porque gosto de averiguar, de estudar, de saber. Ora a doença de todos elles é a mesma: a mais completa indiferença em tudo e por tudo.

O official só tem uma aspiração: que lhe corra o soldo sem trabalho e sem attrictos. Que as promoções venham depressa. Mais nada.

Você ouve a cada passo esses paspalhões dos jornalistas fazer referencias a officiaes distinctissimos. Um papel qualquer não cita o nome d'um official que não lhe arrume logo com dois ou tres adjectivos para cima. Pois fique sabendo que em todo o exercito portuguez não ha 50 officiaes distinctos, na acepção legitima e justa do termo.

Não querem saber de coisa nenhuma. Não estudam, não trabalham, tudo lhes merece má vontade e desdem. As theorias são feitas a fingir, os exercicios a fingir, as inspecções a fingir, n'uma faina de *não te rales* que brada aos céos.

Por culpa d'elles exclusivamente? Seria injustiça dizelo. Muitos d'entre elles cahiram n'essa indiferença pelos attrictos e má vontade que encontram da parte das auctoridades superiores. Os coroneis e os generaes, por via de regra, estão abaixo e muito abaixo do seu papel. Quasi nenhum sabe. Quasi todos são incapazes de saber. Depois, sem sciencia, perderam tambem o feitiço militar.

Commandar um regimento a valer impõe responsabilidades e trabalho. E elles não teem temperamento para assumir umas e praticar o outro. Portanto, se apparece um official cumpridor do seu dever as primeiras pessoas que elle encontra a *guerreola* são os chefes. Qual é o recurso? Encolher os hombros e deixar correr o marfim.

Alguns mais ingenuo queixa-se ou reclama. Mas como no exercito ha outro systema deploravel, que é o de negar sempre justiça ao inferior contra o superior, a coisa mais estúpida que eu conheço, a noção mais falsa de disciplina que se pôde admittir e que só cabe na cabeça d'um pateta, a queixa ou reclamação é sempre desattendida e d'ahi o desalento forçado ainda para os mais corajosos e tenazes.

Emfim, nos regimentos não se faz nada. Não ha effectivos e além de os não haver não ha vontade. Os nossos officiaes ignoram toda a sciencia militar. Ignoram os proprios regulamentos, os que elles trazem todos os dias na mão, os que regulam as questões de toda a hora, como o regulamento para o serviço interno, o regulamento disciplinar, o código de justiça militar, etc. Não falo já no regulamento de campanha e n'outras tantas disposições que não são d'uso diario.

Essa ignorancia é pavorosa. O ministro da guerra actual não teve culpa nenhuma nos desastres das ultimas manobras, desastres que, afinal, se teem dado com todos. Se teve alguma, foi não mandar recolher as tropas a quartéis, não por causa do tempo, mas a *pretexto do tempo*, assim que viu, pelo inicio, que aquillo não podia deixar de degenerar n'um fiasco.

Tambem tem culpa na organização do exercito, que é pessima. Mas essa culpa é indirecta e é de todos. Esconder isso para ferir o ministro n'um proposito exclusivamente politiquero é ignobil.

Tem. O sr. Pimentel Pinto tem culpas. Mas teem-na igual todos os ministros da guerra. A culpa d'elles é ter deixado lavar vicios, arraigar maus habitos e defeitos que deviam ter sido arrancados com mão de ferro. Mas maior que a culpa d'elles é a dos generaes e coroneis que teem conspirado contra tudo que possa levantar o nivel intellectual e moral do exercito.

O que o sr. Pimentel Pinto tem a fazer, ou quem o substituir, é submeter ás mais rigorosas provas os candidatos a generaes e a majores, acabando com todas as benevolencias e transigencias; é dar autonomia ao capitão da companhia; é estabelecer o rigoroso principio das iniciativas e das responsabilidades; é cortar fundo por todos os maus habitos, mandrices, etc. Se o fizerem, poderá melhorar a situação. Se o não fizerem ficaremos na mesma.

Assim dizia o meu amigo. E acho eu que dizia uma rigorosa verdade.

A. B.

**Milagre que se chupa?**

Todos os banhistas das praias que ficam pelas alturas de Tréport (França) teem ido vêr este milagre acontecido n'uma aldeia da Picárdia. Teem ido vêr e saborear.

Eis o caso: Um velha Christo de madeira, pregado na cruz de um caminho vicinal, com a acção do tempo, que nada poupa, estava desconjuntado e tinha-se esburacado em varios pontos. Um enxame de abelhas perdido fixou-se na parte da toalha do Christo e, dentro de pouco, começou a escorrer o mel pela imagem abaixo.

Devotos e devotas, ao verem tão estranho acontecimento, acreditaram logo n'um milagre, innegavel, que estava alli á vista. Aquillo constou e foi uma verdadeira romaria. E' bem de vêr que o clero tratou logo de especular com o mel divino, e, pelo processo que usam os padres, aquillo é manancial que jámais se estanca.

Falla-se já n'uma basilica. Lourdes não está contente com a concorrência, e com certeza que os carólas estão a dizer a estas horas o que os do Bom Jesus do Monte disseram da Senhora do Sameiro.

**A religião no Japão**

Uma revista japoneza acaba de ter uma ideia interessante. Perguntou aos quatro mil estudantes da Universidade imperial se acreditam n'uma religião qualquer e na necessidade de essa religião.

Já obteve umas mil respostas. Seiscentos estudantes affirmam nitidamente o seu atheismo e a necessidade de libertar o povo de toda e qualquer religião. Os outros declaram que é preferivel permittir-se, por algum tempo ainda, que o povo se entretenha com a religião.

**Tolstoi e a alliança franco-russa**

Pedro Mazzini, correspondente do jornal de Genova, *Caffaro*, escreveu, ha poucos dias, uma carta a Tolstoi, pedindo-lhe que lhe respondesse a estas três perguntas:

«1.ª—Qual é a opinião do povo russo acerca da alliança franco-russa?»

«2.ª—Participa, com respeito a ella, do mesmo entusiasmo do povo francez?»

«3.ª—Qual é o alcance d'esta alliança para a civilização em geral?»

Pouco tempo depois, Tolstoi respondeu nos seguintes termos:

«Estimado sr. Mazzini.—A minha resposta á sua primeira pergunta, *Qual é a opinião do povo russo acerca da alliança franco-russa?*, é a seguinte:

O povo russo, o verdadeiro povo, não tem a menor ideia d'esta alliança, e se tivera noticia d'ella, estou seguro de que—sendo do mesmo indifferentismo todos os povos—tanto o seu bom sentido como os seus sentimentos humanitarios lhe demonstrariam que esta alliança exclusiva com um povo não pôde ter por objecto mais que arrastalo a contrahir inimidades e talvez a lançalo em guerra com outros povos, e, portanto, havia de ser-lhe em extremo desagradavel.

«A' pergunta, *O povo russo participa do entusiasmo do povo francez?* direi que, não só o povo russo não participa do entusiasmo do povo francez—dado o caso de que este entusiasmo exista em realidade, coisa que ponho muito em duvida—mas até que se soubesse tudo quanto se faz e diz em França a proposito d'esta alliança, experimentaria antes um sentimento de desconfiança e de antipathia por um povo que, sem razão alguma, se põe, de subito, a professar um amor expontaneo e excepcional.

«Quanto á terceira pergunta, *Qual é o alcance d'esta alliança para a civilização em geral?*, creio-me com direito a suppôr que, não podendo esta alliança ter outro motivo senão a guerra ou a ameaça d'uma guerra contra outros povos, a sua influencia não pôde deixar de ser maléfica.

«Com respeito ao alcance d'esta alliança para as duas nações que a constituem, é evidente que, até agora não produziu, e não pôde occasionar para o porvir senão grandes males para ambos os povos.

«O governo francez, a imprensa e parte da sociedade que aclama esta alliança, teem feito já e vêr-se-hão obrigados a fazer ainda maiores concessões, com menoscabo das suas tradições de povo livre e humanitario, para fingir ou para estarem realmente unidos pela intenção e sentimento com o governo mais despotico, retrogrado e cruel de toda a Europa.

«Esta alliança constitue para a França uma grande perda, emquanto que para a Russia tem exercido já e continuará, sem duvida, exercendo uma influencia cada vez mais pernicioso.

«Depois d'esta desventurada alliança, o governo russo, que antes contava com a opinião da Europa, não se preoccupa nada com ella, e ao vêr-se apoiado por esta estranha amisade de um povo considerado como o mais civilizado do mundo, vae sendo cada dia mais retrogrado, mais despota e mais cruel.

«Por conseguinte, esta desventurada alliança não pôde ter, em minha opinião, mais que uma influencia em extremo nefasta, tanto para o bem-estar dos dois povos, como para a civilização em geral.

Leon Tolstoi

Setembro de 1901.

**ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO**

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

CURIOSIDADES

O HAREM DO SULTÃO

Affirma-se que nenhum profano conseguiu visitar; mas a verdade é que sobre elle existem publicados tão meudos pormenores, que a sua constituição não é hoje um mysterio para os povos occidentaes.

Assim, sabe-se de fonte certa que o harem nada menos de trezentas mulheres, recrutadas quasi exclusivamente entre as diversas variedades da raça circassiana, a mais bella do Oriente, e que conta alguns exemplares da Syria e da Rómelia; que a aquisição das odaliscas é executada, em tenra idade, pelos agentes especiaes do harem, ás ordens de Hussein Effendi; e que, apenas installadas no palacio do seu amo e senhor, tudo devem esquecer e abandonar: paes, irmãos, amigas, a pátria, que não tornarão a vêr, e até o nome, porque d'essa data em diante passam a usar o que mais agrada ao feliz possuidor.

Educadas muito superficialmente sob a vigilancia da favorita-sultana, todas as horas do dia, á excepção das da comida e do repouso, gastam em aprender a arte maravilhosa da sedução, desenvolvendo os attractivos naturaes, creando novos e mais voluptuosos, exercitando-se nas danças lascivas, nos canticos melodiosos, nos movimentos provocantes e estontadores. inteirando-se dos caprichos, das preferencias e antipathias do Sultão— a magestade polygama que mais tarde as distinguirá com o favor e a honra de um olhar, de um gesto e de alguns minutos de amorosa intimidade.

E' de dois annos a aprendizagem. Ao cabo d'esse tempo são submettidas a exame. Preside-o a favorita-sultana, e cada uma das novicias deve reproduzir praticamente os menores detalhes do serviço que fica a desempenhar no harem: o modo de perfumar o Sultão, de lhe calçar os chinellos e de lhe servir as beberagens predilectas.

Se as provas satisfazem o jury, a examinanda enfileira com as companheiras de infortunio, e é considerada apta para ser distinguida com o favor imperial. Se não... Mas a verdade é que não ha exemplo de uma raposa em exame tão rigoroso e complexo.

A lei religiosa não permite que um musulmano, embora possua um serrallo tão numeroso quanto os seus haveres o permitam, legitime como esposas mais de quatro mulheres; os filhos, porém, de umas e outras, escravas e sultanas, servas e princezas, teem todos os mesmos direitos e são equaladas perante a lei. Por este motivo e respeitando uma praxe tradicional, o Sultão só escolhe as suas quatro esposas legitimas na camada infima do harem, equilibrando assim um pouco as differenças de hierarchia que o nascimento produziu.

Abdul-Hamid, o actual Sultão, como de resto todos os Sultões civilizados, não contrahiu nem contraherá matrimonio; dedica, é certo, ás quatro mulheres que deviam ser suas esposas uma attenção especial, impõe-las mais do que as companheiras ao respeito e veneração de todos os turcos, mas não legitima a união como faziam outr'ora os seus antecessores.

E ao contrario d'elles, é frequente elevar ao grau de favorita uma simples escrava por mero capricho de

minutos, e preencher com ella uma das vagas de esposa... quando ellas occorrem.

A' primeira vista parecia natural que Abdul-Hamid, amo e senhor de enormissimo serrallo, tivesse relativamente numerosa descendencia. E comtudo não é assim; o numero de filhos não passa de 13. Práticas das mais odiosas, processos pathologicos dos mais abominaveis exercitados com maestria pelos kalfas (velhas escravas) impedem que esse numero se eleve naturalmente.

Só de longe em longe, uma ou outra odaliscas consegue illudir a vigilancia que a assedia, e occultar até final a gravidez. Mas isso são casos isolados e para que o Sultão dispoza penalidades tão severas que mui poucas com certeza sentirão desejo de as defrontar.

O harem de Abdul-Hamid— dizem — é dos mais correctos que se conhece. E' a antithese perfeita do de Abdul-Medjid, em que predominava a mais escandalosa licenciosidade.

Mesmo porque o actual Sultão não é muito inclinado aos prazeres corporaes. Só os procura quando no horizonte politico se lê claramente, e que na sua imaginação não reside a idéa, real ou chimerica, de um perigo proximo ou distante.

Prefere as mulheres bonitas e graciosas ás de uma formosura surpreendente; e n'isto revela gosto mais apurado que a maioria dos orientaes, propensos muito mais ao physico épatant de uma mulher nutrida e forte, do que á correção ideal de uma rapariga gentil e donairosa.

Ás vezes, quando visita o harem e lhe não ensombram o espirito vagos receios e temores, demora-se entre ellas conversando descuidadamente, adoçando o tempo com anedoctas de espirito, inteirando-as dos successos da actualidade e de um pouco da vida das côrtes estrangeiras. Ellas escutam-n'o complacentemente, muitas com prazer outras com sacrificio e raro usam da palavra, a não ser sob intimação formal de Abdul-Hamid.

E' a dança sob todas as formas que ella reveste no Oriente, a sua principal distracção. De entre essas prefere, porém, o Sultão as menos impudicas.

Além d'essa diversão que é exercitada com todos os requintes de volupia e de arte, as trezentas mulheres de Abdul-Hamid entreteem os dias em verdadeiras infantilidades; brincando com bonecas automaticas, imitando as vozes de diversos animaes (o carecar da gallinha, o coaxar da rã, o zumbido da mosca, o latido do cão), excitando os ennuos a grotescas palhaçadas, fumando, sorvendo gulodices, enfim, tudo que é possível imaginar para impedir o spleen.

Todas ellas dedicam ás flores um certo cuidado. Mas como Abdul-Hamid prefere a violeta, affectam, é claro, predilecção especial pela mimosa florinha.

No harem—compreende-se sem muito esforço—predominam a intriga, a inveja, a ambição—os sentimentos que é natural suppr-se n'um temperamento de mulher.

Tudo aquillo está dividido em minusculas coteries, em pequenos grupos, cada um com as suas sympathias, os seus segredos, os seus odios; lavra constantemente entre elles uma guer-

cada momento se tornava mais critica.

—Não vos envergonhaes? gritou De Bracy aos soldados que o rodeavam. Chamaes-vos archeiros e deixaes aquelles dos cães junto ás muralhas do castello? Demoli o parapeito, se não sabeis fazer cousa melhor. Ide buscar picaretas e alavancas e deitae abaixo esta ameia, disse elle apontando para uma enorme pedra esculpida que ficava por cima da poterna.

N'esse momento os sitiantes viram uma bandeira vermelha sobre o angulo da torre de que Ulrich fallara a Cedric. O primeiro a avistala foi o bom yeomen Locksley, que se dirigia para a barbacã, impaciente por conhecer os progressos do assalto.

—S. Jorge! gritou elle, S. Jorge pela Inglaterra! A' carga, va-

ra surda e maliciosa; e não raro os aggravos são liquidados com o denodo e a bravura das Amazonas, forçando os ennuos a uma intervenção séria para manter a disciplina...

A toilette das damas é muito variavel. Obedece já hoje, em grande parte dos seus accessorios, ás exigencias tyrannicas da moda parisiense. Vae longe o tempo do pittoresco ha-noun e na actualidade, segundo as estações do anno, assim as odaliscas vestem cassa ou casemira e as favoritas, as princezas, seda ou musselina.

Agora, e para terminar, um caso que parece ter servido de modelo ao celebre truc da Coralie & C.:

Ninguem ignora que as favoritas do Sultão se não aseptam, por nenhum titulo, do harem, e que, em compensação, as escravas vão muitas vezes acompanhadas dos ennuos, até os bairros commerciaes de Constantinopla.

Essas liberdades foram, porém, reduzidas, e por motivo de um escandalo occorrido ha annos.

O proprietario de uma loja de modas de Péras, M. C..., homem essencialmente pratico e propenso á benevolencia e á caridade, teve a idéa engenhosa de installar no andar superior ao estabelecimento luxuosos e confortaveis gabinetes, onde recebia a sua numerosa clientella, entre a qual muitas das escravas do Sultão.

Cada um d'esses gabinetes era disposto do mesmo modo que o salão de madame Coralie; d'aqui resultou que a policia, sob prévia denuncia, provavelmente d'algum despeito, interveio e obrigou M. C... a fechar a loja de modas e annexos.

Escusado será dizer que, em pouco tempo, M. C... fizera uma fortuna.

POBRE NOIVA...

Sob este titulo conta o nosso collega «O Figueirense», o seguinte caso engraçado:

Sexta-feira de manhã devia em Coimbra realizar-se o enlace matrimonial de um rapaz com uma gentil menina d'alli.

Estava tudo preparado sem que faltasse a respectiva casa de habitação, posta com relativa elegancia, crêmos que pelos paes da noiva.

O noivo, quinta-feira á noite, mostrou-se bastante apprehensivo e triste, declarando que as causas das suas apprehensões e tristezas eram não ter ainda recebido os seus rendimentos por que necessitava de dinheiro para differentes cousas e entre estas uma capa e batina, cujo pagamento não podia adiar.

A noiva, querendo já concorrer para as despesas do casal, passou-lhe ás mãos do seu bolsinho particular uns 60\$000 réis, com que o prometido noivo bateu as azas, parece que para Lisboa, em companhia de uma mulher de costumes faceis.

Para que lhe havia de dar... Ai rapazes, rapazes.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

lente yeomen! Como podeis vós deixar o bom cavalleiro e o nobre Cedric forçarem sósinhos a passagem? Para a frente, frade sanhuo! mostra que sabes combater pelo teu rsario! Para a frente, valorosos yeomen! O castello é nosso, temos amigos lá dentro. Vê-des aquella bandeira? é o signal combinado. Torquilstone pertence-nos! Pensae na honra, pensae nos despojos... Mais um esforço e a praça é nossa!

Dizendo isto, esticou o seu arco e atirou uma frecha ao peito de um homem d'armas que sob a direcção de De Bracy, estava arrancando uma das ameias para a precipitar sobre as cabeças de Cedric e do Cavalleiro Negro. Um segundo soldado tomou das mãos do seu companheiro moribundo a alavanca de ferro, e tinha levantado e desprido a pedra quando, rece-

Mortes de regicidas

A proposito da condemnação de Czolgosz, não deixa de ter interesse lembrar a sorte dos principaes predecessores de aquelle criminoso, regicidas ou assassinos de chefes d'estado, desde o começo do seculo passado.

O assassino de Selim III, sultão da Turquia, morto em 1808, foi empalado n'uma das praças publicas de Constantinopla.

Este supplicio deve parecer muito suave, comparando-o com aquelle que foi infligido, em 1831, aos dois assassinos do conde Capo d'Istria, então presidente da confederação grega. Foram enterrados até ao pescoço n'uma cova feita de tijolos, e ali morreram quinze dias depois no meio dos mais indiziveis soffrimentos physicos e moraes.

Pela fome tambem pereceram aquelles que assassinaram Mustaphá IV, estrangulando-o á porta do seu harém.

Mais recentemente, os cinco cumplices do assassinio de Alexandre II da Russia, foram executados no mesmo dia em S. Petersburgo: um sexto cumplice expia ainda actualmente a pena no fundo d'uma masmorra da fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. Quanto ao auctor principal, sabe-se que foi elle a primeira victima da bomba lançada contra o czar.

Caserio, o assassino de Carnot, foi guilhotinado em 1894.

Bresci, que matou o anno passado o rei Humberto de Italia, e foi condemnado a prisão perpetua, fez-se justiça, enforcando se na sua cellula.

Emfim Luccheni, assassino da imperatriz Frederica, vive ainda, meio louco, perece, no fundo da prisão em que as auctoridades suissas o encerraram.

Quanto ao fanatico que ha cinco annos matou com um tiro de pistola o schah da Persia Nasred-Dine, depois de ter sido estendido n'um caixão de pedra, deitaram sobre elle cal virgem.

Comtudo, o horror d'este supplicio não pôde comparar-se com o que foi infligido, annos antes, aos assassinos de Aga-Mohammed-Khan, um dos predecessores de Nasred-Dine. Eram elles em numero de quatro, e foram mergulhados n'uma vasta caldeira, cuja agua, a principio gelada, pouco a pouco foi aquecendo até chegar á ebullição, de maneira a prolongar o martyrio desde o nascer ao pôr do sol.

Tem-se sentido n'estes ultimos dias de manhã e á noute um frio de gelar.

bendo uma frecha através do capacete, caiu morto no fosso. Os outros homens d'armas perderam a coragem, por verem que nenhuma armadura parecia estar á provas dos tiros do terrivel archeiro.

—Vós recuaes, escravos cobardes? disse De Bracy. Montjoye Daint-Denis! Dae-me a alavanca.

E agarrando n'ella, atacou a ameia despegada da muralha e de tal modo pesada que, se fosse arremessada, despedaçaria não só as traves onde se suspendia a ponte levadiça, e serviam d'abrigo aos dois assaltantes, mas tambem a grosseira ponte de pranchas sobre que elles tinham atravessado. Todos viram o perigo, os mais ousados, incluindo até o vigoroso frade, não se atreveram a pôr os pés na jangada. Por tres vezes Locksley retesou o seu arco contra De Bra-

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás	De tarde ás
3-45 m.	7-6 m.
5-21 m.	10-5 m.
9-11 m.	

De Aveiro para o Sul

De manhã ás	De tarde ás
7-34 m.	3-47 m.
10-42 m.	5-36 m.
	10-43 m.

Objectos d'ouro

Compram-se os seguintes: Uma corrente de relógio, de 15 a 20\$000 réis; Um cordão, de 10\$000 a 17\$000 réis; Um anel, de 2 a 2:500 réis. Guarda-se segredo. N'esta redacção se diz.

VENDEM-SE

Uns ricos paramentos de missa, e outros mais ordinarios, mas em perfeito estado de conservação. Tambem se vende um missal e um calix, combinado.

A quem precisar dão-se esclarecimentos na redacção d'este jornal.

ANNUNCIOS

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e sorprendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXXI

A situação de Cedric e do Cavalleiro Negro tornou-se então muito critica, e ainda mais o seria se não fossem os archeiros que estavam na barbacã e não cessavam de despedir frechas sobre os parapeitos, distraindo a attenção dos que occupavam e obrigando-os a interromperem a chuva de projectis que arremecavam sobre os dois chefes. No entanto a situação d'estes era eminentemente perigosa e a

cy e tres vezes as suas frechas ricochetaram d'encontro á armadura impenetravel do cavalleiro.

—Maldita seja a tua cotta de Hespanha! disse Locksley. Fosse ella fabricada em Inglaterra, que estas frechas a atravessariam como se elle fosse de seda ou de sendal.

—Camaradas! começou elle então a brandar, amigos! nobre Cedric! retiraes-vos, que vae sahir uma grande pedra!

A sua voz não foi ouvida, porque o estrondo produzido pelos golpes d'acha que o cavalleiro descarregava sobre a porta teria abafado o som de vinte trombetas de guerra.

(Continua.)

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos gêneros acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacaveir que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro. Branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

## AVEIRO

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

**RUA DO CAES**

**AVEIRO**

## NOVA ALOUILARIA

DE

**MANUEL PICADO & PEREIRA**

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

## ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vacum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

## NOVIDADE LITTERARIA

### SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do *QUO VADIS?* seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de **EDUARDO NORONHA**

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

## SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

### QUO VADIS?

tradução de **EDUARDO DE NORONHA**

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

## POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

## ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

## GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

### Os Mystérios da Inquisição

POR

**F. GOMES DA SILVA**

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Prezioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, mediado 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

## NOVIDADE LITTERARIA

### O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do *QUO VADIS*, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Ednardo de Noronha. Desenvolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heroicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram *O DILUVIO* superior ao *QUO VADIS*.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

## ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

## AVEIRO

D'aquí levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilhabias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordões funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

## PARA E MANAUS

### Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões

Para mais esclarecimentos, dirigir nos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

### Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

**ABEL, PAULO & PEREIRA**

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

## PUBLICAÇÕES

### Bibliotheca

### HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

*QUO VADIS?* (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

*VIDA DE LAZARILLO DE TORMES*, de Mendoza.—1 vol.

*EULALIA PONTOIS*, de F. Soulié.—1 vol.

*A AMOREIRA FATAL*, de E. Berthel.—1 vol.

*SENHOR EU*, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

## COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

### Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

### A CARTEIRA A VI

### DO REPORTER

POR

**JULIO VERNE**

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

### "O NORTE"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.